BIBLIOTECA POPULAR 2.0[[1]](#footnote-2)

Eduardo Yuji YAMAMOTO [[2]](#footnote-3)

Anderson ROIK[[3]](#footnote-4)

Giovanna Carvalho BETTINI[[4]](#footnote-5)

Thiago de OLIVEIRA[[5]](#footnote-6)

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

Muitas disciplinas que buscam interface de trabalho com a Comunicação tendencialmente o fazem como instrumento de transmissão de conteúdo escolar. Nesse sentido, talvez a prática mais recorrente entre professores dos ensinos fundamental, médio e até superior, é a utilização das chamadas TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) em sala de aula ou em outras atividades pedagógicas, algo que se acentuou nos últimos dois anos em decorrência da Covid-19. Contudo, a comunicação pode ser pensada para além dessas demandas escolares sem perder o seu sentido educativo. Um exemplo é o projeto “Nós Propomos! Guarapuava”, cuja singularidade foi a conjugação de atividades comunicacionais e o ensino de geografia nas escolas públicas. A ideia consiste em apresentar resultados de pesquisas produzidas pelos educandos sobre problemas e demandas locais em suportes de comunicação de linguagens variadas (fotográfico, sonoro, audiovisual). Tais produtos podem ser armazenados em bibliotecas, cinematecas ou qualquer outro local físico ou virtual pertencente à escola ou ao poder público, e servir como fonte de informação histórica sobre aquela comunidade sob a perspectiva dos próprios educandos. A ideia de uma biblioteca popular multimidiática tem precedentes teóricos e conceituais em Paulo Freire, que defendia a importância de conciliar o aprendizado dos educandos com problemas de sua realidade imediata e do conhecimento de suas raízes históricas. O título deste trabalho, Biblioteca popular 2.0, é uma atualização da ideia inicial de Freire, de pensar a comunicação a partir de sua capacidade de fazer convergir pessoas em torno da proteção de suas riquezas simbólicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Popular; Formação Crítica; Cinema Comunitário.

**ABSTRACT**

Many subjects which search for work interface with Communication tend to do so as an instrument for transmitting school content. Therefore, maybe the most recurrent practice among teachers at Elementary School, High School and even College is using the so-called ICTs (Information and Communication Technologies) in the classroom or other pedagogical activities, which have increased the last two years due to the Covid-19. However, communication might be understood further than these school demands without losing its educational sense. Another example is the project We Propose! Guarapuava, whose singularity conjugated communication activities and Geography teaching in public schools. The idea is presenting findings from research carried out by students on local problems and requirements in communication support of different languages (photographic, sound, audiovisual). Such products may be stored in libraries, cinematheques or any other virtual or physical place belonged to the school or the public power and serving as historical information source on that community under studentes’ perspective. The idea of a popular multimedia library has theoretical and conceptual precedents in Paulo Freire, who defended the importance of conciliate the students’ learning from the problems of their immediate reality and knowledge of their historical roots. The title in this work, Popular Library 2.0, is an update from the Freire’s initial idea, of thinking communication from its capacity to make people converge to protect their symbolical richness.

**KEYWORDS**: Popular Communication; Critical Education; Community movie.

**RESUMEN**

Muchas signaturas que buscan interfaz de trabajo con la Comunicación tendencialmente lo hacen como instrumento de transmisión de contenido escolar. Así, tal vez la práctica más recurrente entre maestros de enseñanza fundamental, escuela media e incluso superior, es la utilización de las dichas TIC (Tecnologías de Información y Comunicación) en clases o en otras actividades pedagógicas, algo que ha aumentado en los últimos dos años debido a la Covid-19. Sin embargo, la comunicación puede ser pensada además de esas demandas escolares sin perder su sentido educativo. Un ejemplo es el proyecto ¡Nosotros Proponemos! Guarapuava, cuya singularidad fue conjugar actividades comunicacionales y la enseñanza de geografía en escuelas públicas. La idea es presentar resultados de investigaciones producidas por estudiantes sobre problemas y demandas locales en soportes de comunicación de lenguaje variados (fotográfico, sonoro, audiovisual). Dichos productos pueden ser almacenados en bibliotecas, cinematecas o cualquier otro local, físico o virtual, perteneciente a escuela o al poder público, y servir como fuente de información histórica sobre aquella comunidad, bajo la perspectiva de los propios estudiantes. La idea de una biblioteca popular de multimediática tiene precedentes teóricos y conceptuales en Paulo Freire, que defendía la importancia de conciliar el aprendizaje de los estudiantes desde problemas de su realidad inmediata y del conocimiento de sus raíces históricas. El título de ese trabajo, Biblioteca popular 2.0, es una actualización de la idea inicial de Freire, de pensar la comunicación desde su capacidad de hacer converger personas para protección de sus riquezas simbólicas.

**PALABRAS CLAVE**: Comunicación Popular; Formación Crítica; Cine Comunitário.

**INTRODUÇÃO**

A relação entre Comunicação e Educação não é nova. Educação sempre foi um gesto comunicativo não porque, para ensinar algo, deve-se transmitir informações (essa, aliás, é uma noção demasiadamente recente e simplificadora de comunicação), mas porque pressupõe um processo de vinculação e imersão na malha simbólica da comunidade sem as quais aquelas informações não fariam nenhum sentido.

A simplificação, entretanto, não acomete apenas a comunicação, mas também a ideia de educação. Do latim educere, que significa guiar, levar para fora (*ex* + *ducere*), a prática educativa hegemonizou-se, no contexto da modernidade, a partir de um significado único, qual seja, disciplinar o corpo e a alma para a vida na cidade, para o trabalho industrial. Hoje, por desconhecimento ou ideologia, poucos arriscam pensar a comunicação e a educação como práticas humanísticas voltadas à formação integral do ser humano, desde a ritualização do educando aos valores e ao compromisso com a comunidade (comunicação) ao movimento de saída ou condução para fora da lógica capitalista (educação).

O esforço que as universidades públicas vêm realizando, por exemplo, através de alguns projetos extensionistas, busca precisamente recuperar o sentido amplo da comunicação e da educação. Citaremos aqui o projeto “Nós Propomos! Guarapuava” que, dentre vários feitos, propõe pensar estes dois conceitos em uma chave crítica, afirmativa, ou seja, estimular nos educandos o exercício da cidadania através de pesquisas por propostas que podem, a curto e médio prazo, melhorar a vida da comunidade e, a longo prazo, criar um repositório das histórias, obras de artes e conquistas desses grupos – as chamadas bibliotecas populares.

Inicialmente, o texto contempla a proposta da biblioteca popular problematizada por Freire e, na sequência, trata da metodologia do projeto de extensão “Nós Propomos! Guarapuava”. Finalmente, apresenta-se a ideia da biblioteca popular 2.0 articulada com o fazer extensionista do projeto e as possíveis contribuições.

**BIBLIOTECA POPULAR**

No livro “A importância do ato de ler”, Paulo Freire apresenta, a partir de suas vivências e experiências, a compreensão crítica sobre as bibliotecas em sua relação com o processo de leitura e de alfabetização. Sua abordagem, nega a pretensa neutralidade da educação e do estabelecimento de repositórios do conhecimento humano produzido que, para ele, é fundamentalmente um ato político. “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca.” (FREIRE, 1989, p. 15). Isso significa que uma biblioteca nunca é neutra, já que o conteúdo dela, os livros e materiais de registro, representam aquilo que a sociedade vigente considera os saberes dignos de lembrança, rememoração e aplicação na vida cotidiana.

Em sua compreensão crítica, Freire (1989) entende que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, nesta perspectiva, linguagem e realidade apresentam uma relação dinâmica. Uma pessoa que se alfabetiza com elementos de uma classe social que não é a sua tende a ler o mundo com os valores daquela classe. Por isso não serve a decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, é preciso que a leitura crítica corresponda a inteligibilidade do mundo (o contexto, as relações assimétricas de poder ali presentes, o reconhecimento de seu lugar no mundo nesse diagrama de forças) onde essa pessoa é forjada. “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1989, p. 9).

A leitura do mundo e a leitura da palavra, para Freire (1989), estão dinamicamente ligadas, sendo que esse processo deve ser realizado a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos. Nesta prática democrática e crítica, a alfabetização consiste em um processo criativo no qual o alfabetizando é sujeito e no qual já não é possível texto sem contexto.

Como afirma Freire (1989, p. 19): “[…] se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra”.

A palavra tijolo, por exemplo, para um grupo de pedreiros construindo uma casa ganha uma compreensão crítica na medida em que, em torno dela, revela-se o contexto, isto é, o trabalho dos pedreiros, a relação que esses possuem entre si em termos de vida coletiva, quem são as pessoas que irão usufruir daquele amontoado de tijolos, qual a relação entre aquele amontoado de tijolos com a própria habitação dos pedreiros etc. Desse processo de leitura do mundo resulta “[…] a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo”. (FREIRE, 1989, p. 13). Essa leitura crítica da realidade é fundamental, especialmente para quem assume posição fatalista face às injustiças sociais. Associar processos de alfabetização ou pós-alfabetização com práticas políticas de mobilização e de organização, pode contribuir para ações contra-hegemônica e emancipatórias.

Assim, é preciso evitar o autoritarismo que se expressa no uso de palavras e de temas ligados apenas à experiência do educador que, muitas vezes, dista enormemente em termos culturais e econômicos do contexto de seus educandos. Do contrário, a leitura do real corresponderá a uma repetição mecanicamente memorizada da maneira de ler o real do educador. Neste sentido, Freire (1989) também defende que os educandos, bem como os grupos populares sejam estimulados a escrever seus textos a partir de seus contextos e vivências, e que essas páginas venham a fazer parte do que ele chama de biblioteca popular.

A biblioteca popular é importante no processo de alfabetização e de pós-alfabetização, sendo entendida por Freire (1989, p. 20) como “[…] fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto”. Não se trata de um depósito silencioso de livros, mas de centro cultural onde se estimula atividade em grupo. Trata-se de uma perspectiva crítico democrática da biblioteca popular, contra um processo de desenraizamento de pessoas e de homogeneização do pensamento a partir de um único referente (classe dominante), processo esse tratado por Freire como invasão cultural, “[…] em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica”. (FREIRE, 1989, p. 20).

Um exemplo que Freire (1989) apresenta é a criação de um acervo com a história de uma comunidade, através de entrevistas gravadas com os habitantes mais antigos de um determinado lugar. “Estórias em torno de vultos populares famosos, do ‘doidinho’ da vila, com sua importância social, das superstições, das crendices, das plantas medicinais, da figura de algum doutor médico, da de curandeiras e comadres, da de poetas do povo.” (FREIRE, 1989, p. 20).

Enquanto testemunhas presentes, esses habitantes contariam questões relevantes da história daquela comunidade. Freire (1989) destaca que, tanto as gravações e/ou folhetos produzidos a partir dessas falas, podem compor e serem usadas nas bibliotecas populares. Podem servir para os cursos de alfabetização, de pós-alfabetização e demais atividades de educação popular, inclusive ser intercambiados com outras comunidades da região. Além disso, faz uma ressalva para que seja respeitada a linguagem dos entrevistados em termos de sintaxe, semântica e prosódia nos materiais produzidos.

Para Freire (1989) trata-se do reconhecimento do direito que o povo tem de ser sujeito do conhecimento de si mesmo. Não há neutralidade na forma como atua uma biblioteca popular, desde a constituição do seu acervo até as atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, dizem respeito a uma certa política cultural de perspectiva crítica. Além da resistência ao processo desagregador que produz anomia social e destrói os laços de solidariedade e pertencimento das pessoas com o lugar onde vivem, as bibliotecas populares constituem centros gravitacionais da singularidade de um grupo cujas formas expressivas servem para ancorar simbolicamente as novas gerações e dar estabilidade identitária ao grupo em um mundo em que coisas e pessoas tornam-se rapidamente obsoletas e descartáveis.

**NÓS PROPOMOS! GUARAPUAVA**

O projeto de extensão universitária “Nós Propomos! Guarapuava” foi uma iniciativa da Profa. Dra. Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes que, atualmente, exerce a função de coordenadora geral. Ele está vinculado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro Oeste (DECS/Unicentro), que dá subsídio às produções midiáticas do projeto, e ao Departamento de Geografia da mesma instituição (DEGEO/Unicentro), onde as ações são planejadas visando aperfeiçoar estratégias de ensino de professores da educação básica, tanto quanto formas de apropriação de conhecimento popular e prática de cidadania no trabalho coletivo entre todos esses profissionais e seus educandos.

O projeto iniciou suas atividades no ano de 2022 após a concessão de bolsas aos participantes pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI-PR), através do Programa Universidade sem Fronteiras. Compõe a equipe propositora do projeto os acadêmicos bolsistas do curso de Geografia da Unicentro, Gizele Cavalheiro da Silva e João Pedro Wendler Bahls; os acadêmicos bolsistas do curso de Jornalismo da Unicentro, Giovanna Carvalho Bettini e Thiago de Oliveira; uma bolsista recém-formada em Geografa, Luana Guidoni; docentes orientadores da Unicentro, Prof. Dr. Eduardo Yuji Yamamoto, Prof. Dr. Clayton Luiz da Silva e Profa Dra Cecília Hauresko, além de uma voluntária (Milena dos Santos Pereira) e do representante da Incubadora Social da mesma universidade, Dr. Anderson Roik.

Além da equipe propositora, o projeto conta com a participação de 30 professores da educação básica, aproximadamente 180 alunos participantes e 11 estagiários do curso de Geografia.

Para a execução de seus objetivos, o projeto se dividiu em quatro fases, cada qual com interesses específicos e complementares. A primeira fase refere-se à organização das atividades e ao estabelecimento de prazos e instrumentos de avaliação para todas as etapas. Nessa fase também está contemplada a divisão dos participantes em equipes de trabalho conforme a habilidade de cada um ou conforme a afinidade deles com o trabalho proposto, além da distribuição de funções para cada integrante.

A segunda fase corresponde ao levantamento de temáticas que deverão ser debatidas entre os educandos do ensino básico e os professores das escolas participantes, quais sejam: Colégio Estadual Ana Vanda Bassara; Colégio Estadual Antonio Tupy Pinheiro; Colégio Estadual Padre Chagas e Colégio Estadual, todas localizadas na cidade de Guarapuava (PR). Nessa fase ocorre também a preparação e a realização de oficinas voltadas à observação e à coleta de dados no território pelos próprios educandos. Essas atividades são realizadas com o acompanhamento de docentes da Universidade (Unicentro).

A terceira fase compreende a identificação de problemas no território onde os educandos vivem e a proposição ao poder público municipal de possíveis soluções[[6]](#footnote-7). Para isso, nessa etapa, são realizados o levantamento de dados territoriais pelos educandos, a discussão sobre as possíveis causas, o diagnóstico e as saídas possíveis às questões levantadas.

Na quarta e última fase acontece o Seminário de Avaliação, que é um evento realizado nas escolas participantes em que os alunos apresentam os resultados da fase anterior, ou seja, a pesquisa sobre o território, os problemas apresentados e as propostas para solucioná-los, tendo como fator norteador a possibilidade dessas propostas se tornarem políticas públicas ou mesmo leis. Tal parâmetro, imputado à busca de soluções, visa despertar nos educandos a necessidade da participação coletiva na busca por soluções para problemas que afetam a coletividade. A prática cidadã e a defesa do bem comum estimulados por essa prática opõem-se às respostas paliativas ou ações individuais que frequentemente são sugeridas, com prejuízos ao espírito participativo da comunidade.

No Seminário de Avaliação os educandos são incentivados a usarem linguagens midiáticas variadas tanto para trabalharem a criatividade quanto para divulgarem as suas pesquisas: slides, painéis, materiais didáticos, recursos sonoros, visuais e audiovisuais etc. O objetivo geral é apresentar os resultados da pesquisa empreendida não só à comunidade escolar e ao entorno, mas à toda sociedade guarapuavana que, eventualmente, pode estar à mercê dos mesmos problemas identificados localmente pelos educandos.

É nessa fase em que a ideia das bibliotecas populares de Paulo Freire ganha sentido e deve ser ampliada. Sobre isso falaremos mais detalhadamente no próximo tópico.

**BILIOTECA POPULAR 2.0**

Sobre a descrição realizada anteriormente por Freire sobre as bibliotecas populares, destacamos aqui três conceitos (apropriação dos meios, pós-alfabetização e biblioteca popular 2.0) os quais mereceriam uma reflexão transdisciplinar (mais do que interdisciplinar) sobre a importância de saber ler e escrever o mundo pelos próprios educandos. Dizemos aqui transdisciplinar porque o conceito implica mais do que uma convergência de disciplinas (Comunicação, Geografia, Educação), mas um diálogo transformador, algo implícito no sufixo “trans” e que se ausenta no termo “interdisciplinaridade”, que remete apenas ao fato de que as disciplinas podem olhar diversamente para um mesmo objeto, mas não se contaminarem entre si (LOPES, 2008).

Aliás, a noção de um diálogo transformador já havia sido bastante explorada por Freire em outro importante livro chamado “Comunicação ou Extensão” (1977), partindo dali a crítica ao positivismo que impõe separações entre saberes (populares e acadêmicos) e formas de acesso ao conhecimento formal (as disciplinas). Nesse sentido, a comunicação ou o diálogo defendido por Freire, isto é, enquanto forma de enfrentamento a uma forma de autoritarismo (imposição positivista), proporcionaria a prática educativa propriamente dita, ou seja, implícita em sua raiz etimológica (*educere*) de que falamos no início deste texto.

Vamos aos conceitos:

Apropriação dos meios de comunicação – os meios nada mais são do que instrumentos de expressão de si e do mundo. Pode ser o desabrochar de uma flor que comunica à abelha a oferta de alimento ou ao ser humano a chegada da primavera. Pode ser o tijolo que a criança, no chão da rua, expressa seus sentimentos, ou o giz, o lápis de cor ou a caneta que o jovem ou o adulto em fase de alfabetização organizam seus pensamentos e informam a alguém sobre eles. O meio, como o próprio nome diz, é o intermediário entre a pessoa e os entes ao seu redor. Na sociedade atual, os smartphones e demais aparelhos eletrônicos portáteis têm dominado a preferência de crianças e adultos como o principal instrumento de expressão de si. Há um efeito negativo nessa hegemonia de um meio em detrimento de outros: o esquecimento da comunicação artesanal, o face-a-face, a perda da alteridade. Por outro lado, não se pode ignorar alguns fatores positivos como a capacidade de registro e armazenamento de eventos do mundo que podem, futuramente, servir como fonte de informação histórica para novas gerações, e que são cruciais para a compreensão de suas atualidades.

Os atuais meios digitais de comunicação equivaleriam, na proposta freiriana, aos gravetos ou lápis que os educandos pobres expressariam as suas primeiras experiências linguísticas, as tentativas de circunscrição do mundo histórico imediato de que participam ativamente como trabalhadores ou seres afetivos e racionais. A importância de se apropriar destes instrumentos (um smartphone, por exemplo) não é para aproximá-lo da vida profissional que, sabemos, o colocará em uma rede de espoliação de mais valia - hoje ainda mais agressiva –, mas para permitir o registro de sua experiência histórica, os valores e o sistema simbólico que diferencia o ser humano e o grupo de que faz parte. Pois a dominação a que estamos todos submetidos – especialmente os grupos periféricos e marginalizados – se dá na imposição de gostos e valores homogêneos (as chamadas bolhas digitais) que, muitas vezes, são mais sugestões externas do que produções artesanais de si.

Pós-alfabetização – se a apropriação dos meios é importante, igualmente o é a forma de estruturar o que se pretende expressar. A alfabetização consiste na capacidade de codificar e decodificar um texto em um determinado meio. A escrita, por exemplo, muito trabalhada por Freire em seu famoso método pedagógico, nada mais é do que a habilidade de ler e decifrar o mundo que nos foi deixado por outros que vieram antes, quanto a habilidade de deixar codificado às próximas gerações eventos importantes daquela localidade ou grupo.

As tecnologias de comunicação possuem, semelhantemente à escrita, uma sintaxe que pode ser aprendida e exercitada em uma alfabetização mediática. Por isso, o conhecimento aprendido nas oficinas de linguagem audiovisual (fotografia, rádio, audiovisual) devem ser, posteriormente, posto em prática com o auxílio de educadores que devem observar se a potência do aparelho está sendo explorada, como também se a criatividade, a imaginação e o desejo dos educandos estão sendo valorizados. É isso que chamamos, na esteira de Freire, de uma pós-alfabetização. Ela pode ser explorada tanto no sentido da decodificação, isto é, na leitura crítica dos meios, por exemplo, decifrando ideologias ou intencionalidades implícitas em certos produtos midiáticos (uma série de fotografias ou uma série de TV, um podcast, uma cena de novela ou um filme etc.) ou no sentido da decodificação, ou seja, na produção orientada de obras multimidiáticas.

Na produção, no entanto, deve-se cercar de cuidados para que não se reproduzam valores e práticas dos canais hegemônicos de comunicação, por exemplo, *youtubers* ou *influencers* que lançam modas, estilos ou linguagens que se aproximam, de alguma maneira, de um gosto comercial pasteurizado. Isso não significa proibir, mas incentivar os educandos a proporem formas criativas capazes de con-correr (no sentido de correr junto) com as fórmulas aceitas pelo grande público (aquelas com muitas visualizações e *likes*). É a espontaneidade e o desejo de escrever (e não a interdição) que devem guiar a escrita multimidiática dos educandos, mesmo que, frequentemente, essas podem destoar, em termos de qualidade e domínio técnico, dos padrões impostos comercialmente. Protege-se, assim, a autenticidade das formas expressivas dos educandos que podem salvaguardar um universo simbólico potencialmente rico do mundo histórico em que estão inseridos.

Biblioteca popular 2.0 – trata-se, em resumo, de organizar e armazenar as obras produzidas pelos educandos. Freire, ao reivindicar trabalho semelhante, estava limitado à tecnologia da época, o analógico, o suporte físico (jornais, livros, gravuras, gravações em fita magnética etc.). Hoje, a possibilidade de armazenar uma grande quantidade de informações em arquivos digitais, seja em qual formato for, pode elevar a proposta de Freire a um outro patamar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola ou instituições sociais que atendem a interesses públicos devem ser os guardiões dessa riqueza humana de valor inestimável. É verdade que setores privados do mercado digital (Google, Facebook, Microsoft, só para citar alguns deles) oferecem ferramentas “gratuitas” para essa finalidade, como nuvens ou repositórios online que ficam sob a guarda dessas empresas. Porém, a falta de transparência em relação ao uso que tais empresas farão destes materiais ou mesmo uma possível pane ou desativação desses serviços podem colocar em risco um ativo que possui muito mais um valor humano do que comercial.

A longo prazo, e com investimento público, poder-se-ia criar uma imensa rede de acesso a tais produções, o que facilitaria a recuperação de informações sobre as bases culturais e o sistema simbólico não apenas para um certo grupo para investigadores (antropólogos, sociólogos, pedagogos, jornalistas etc.), mas para aquele jovem ou adulto curioso que vive naquela comunidade e busca conhecer as suas raízes, os valores culturais que regem o seu grupo e que, portanto, o faz único ou singular no mundo.

É com essa perspectiva, que a equipe do projeto de extensão “Nós Propomos! Guarapuava”, propõe a biblioteca popular 2.0, atualizando a ideia inicial de Freire: pensar a comunicação a partir de sua capacidade de fazer convergir pessoas em torno da proteção de suas riquezas simbólicas.

Por sua vez, enquanto contribuições possíveis, vislumbra-se a constituição de uma fonte de informação histórica sobre aquela comunidade sob a perspectiva dos próprios educandos. Nesse processo, que também estimula o exercício da cidadania, os sujeitos envolvidos podem resgatar o sentido amplo da comunicação e da educação.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_\_\_ . **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1977.

LOPES, M. I. V. de. (2008). O Campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista FAMECOS**, 13(30), 16-30. Disponível em https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.30.3372. Acesso em 16 ago. 2022.

YAMAMOTO, E. Y. **Biopoder e Comunicação**. Curitiba: CRV, 2022..

1. Trabalho apresentado no II Congresso Iberoamericano Nós Propomos! Geografia, Educação e cidadania [↑](#footnote-ref-2)
2. Docente e pesquisador da Unicentro. E-mail: [yamamoto@unicentro.br](mailto:yamamoto@unicentro.br) [↑](#footnote-ref-3)
3. Agente universitário da Unicentro. E-mail: [roik@unicentro.br](mailto:roik@unicentro.br) [↑](#footnote-ref-4)
4. Acadêmica de Jornalismo da Unicentro. E-mail: [giovannabettini15@hotmail.com](mailto:giovannabettini15@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-5)
5. Acadêmico de Jornalismo da Unicentro. E-mail: [thiagodeoliveirajor@gmail.com](mailto:thiagodeoliveirajor@gmail.com) [↑](#footnote-ref-6)
6. No momento em que este texto está sendo escrito, o projeto encontra-se nessa fase. Foram definidos com o grupo das escolas participantes quatro temas, quais sejam: espaço público; inclusão social; desastres naturais; patrimônio (natural, cultural etc.), dos quais podem se desdobrar cinco ou mais subtemas cada um. [↑](#footnote-ref-7)